

DE MÃOS DADAS E “NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA”:



*Yeda Antonita Pessoa de Castro*



**Universidade do Estado da Bahia – UNEB**

Adriana Marmori Lima

**Reitora**

Dayse Lago de Miranda

**Vice-Reitora**

César Costa Vitorino  
João Silva Rocha Filho  
Lise Mary Arruda Dourado  
Verbena Mourão Lopes  
(Organizadores)

**DE MÃOS DADAS E “NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA”:**  
MEMORIAL DA PROFESSORA YEDA ANTONITA PESSOA DE CASTRO

Salvador  
UNEB  
2025

Direitos para esta edição cedidos à Universidade do Estado da Bahia.  
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.  
Depósito Legal no Repositório Institucional Saber Aberto da UNEB, sob a proteção da Lei nº 9.610/98  
(Lei dos Direitos Autorais do Brasil).  
1ª edição (on-line) publicada em 2025.

Coordenação de Design  
Verbena Mourão Lopes

Revisão Textual  
César Costa Vitorino  
Lise Mary Arruda Dourado

Projeto Gráfico e Capa  
Verbena Mourão Lopes

Acervo Documental  
Yeda Antonita Pessoa de Castro

Ficha Catalográfica  
Bibliotecária: – CRB

---

De mãos dadas e “na contramão da história”: memorial da professora Yeda Antonita Pessoa de Castro /  
Organizado por  
César Costa Vitorino; João Silva Rocha Filho; Lise Mary Arruda Dourado; Verbena Mourão Lopes.  
Prefaciado por Adriana Marmori Lima. Salvador: UNEB, 2025.p.: il.

ISBN:

Memorial. Yeda Antonita Pessoa de Castro. História da Educação. Universidade do Estado da Bahia.

Dos vissungos à congada; dos sambas ao  
tambor de Mina; dos candomblés à capoeira;  
das cantigas populares como “Escravos de  
Jó” à toponímia baiana, Yeda segue os passos  
de Legba, “o linguista de Maú”, porque  
agora, no seu devir, ela e sua etnolinguística  
perfazem-se já... Muntu.  
(Freitas, 2022, p. 24).

A estimada Yeda Pessoa merece Orikis em  
todas as manhãs!  
(Ademario Ribeiro Payayá, 2024)

## Prefácio

A nossa alegria em propor a concessão do título de Doutora Honoris Causa a Yeda Pessoa de Castro e participar desse momento histórico é permeada por um misto de sentimentos: grande afeto, honra e profundo respeito a essa grande mulher. No ato solene, a responsabilidade institucional traduz o anseio da comunidade acadêmica da UNEB com a aprovação que se deu, por unanimidade, pelo nosso Conselho Superior, órgão máximo de deliberação.

A expressão em latim, que significa "por causa de honra", reitera o simbolismo dessa homenagem: um ato público que ultrapassa os muros da academia e transborda no reconhecimento à trajetória de vida e trabalho da mulher, pesquisadora, visionária e encantadora que, ao longo das suas andanças pelo mundo, foi semeando saberes e nos incentivando a refletir sobre as africanidades, baianidades e brasilidades pelo fio condutor de seu conhecimento sobre as línguas e suas linguagens.

Yeda Pessoa de Castro simboliza a memória e a projeção de futuro da relação sul-sul em sua essência, o que condiz com os nossos ideais enquanto instituição pública de educação superior, que assume como projeto ético as ações afirmativas e a produção de ciência nesse campo. Sua trajetória notável na área dos Estudos Linguísticos Africanos e Afrobrasileiros tem impactado de forma inspiradora e positiva a sociedade e a humanidade, seja junto àqueles que têm a felicidade de ouvi-la em convívio constante no grupo de pesquisa, seja por quem acessa pela leitura seus escritos ou ainda por quem a ouve atentamente em suas inúmeras entrevistas e vídeos, uma verdadeira inspiração para diferentes gerações.

Neste momento, a UNEB, para além da conferência de um título, aprimora-se, fortalece-se e se engrandece ao ser agraciada com o seu nome, uma figura cujas experiências humanas, suas obras e seus princípios estão em consonância com a missão institucional da universidade de produzir, difundir, socializar e aplicar o conhecimento em diversas áreas para a formação integral do cidadão e o desenvolvimento das potencialidades da Bahia.

Esse símbolo é merecido e está aqui registrado nesta síntese, entregue na cerimônia de outorga de grau, por traduzir uma vida marcada por muito estudo, dedicação, viagens pelo mundo e excelência no que se produziu, deixando, portanto, um marco e muitos legados de compromisso com o bem comum. Minha Mãe Kota de Muxima, para você, um kandandu!

***Adriana Marmori***  
***Reitora***

A decorative graphic element consisting of several overlapping, wavy, semi-transparent bands in shades of light gray and beige. These bands are filled with a dense field of small, golden-yellow particles, creating a shimmering, textured effect. The overall shape is a broad, sweeping curve that spans across the lower half of the page.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 ABRAÇOS DA MENINA DA BARROQUINHA: ESTUDO E PESQUISA SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS AFRICANAS.....</b>	<b>13</b>
<b>2 UMA VIDA ACOLHENDO AFRICANIAS: ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE VIA PESQUISA E EXTENSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>3 DE MÃOS DADAS ÀS LETRAS PRETAS: APROXIMANDO INSTITUIÇÕES E PROPICIANDO DIÁLOGOS ENTRE ACADEMIA E COMUNIDADES AFROBRASILEIRAS E AFRICANAS.....</b>	<b>42</b>
<b>NA “CONTRAMÃO DA HISTÓRIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA HONRARIA E DOS LEGADOS A SEREM CONTINUADOS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) tem a honra de outorgar o título de Doutora Honoris Causa à etnolinguista Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Yeda Antonita Pessoa de Castro, em reconhecimento da sua vida de dedicação aos estudos, às pesquisas e difusão de conhecimentos sobre Línguas e Culturas Africanas no Brasil; da sua profícua atuação na formação de estudantes e professores da graduação e pós-graduação, o que impacta na Educação Básica e no cumprimento da Lei 10.639/2003; do seu empenho em aproximar instituições e propiciar diálogos entre a Academia e diversas comunidades afro-baianas, afro-brasileiras e africanas. Esses feitos seguem expostos neste memorial, elaborado a partir da compilação de documentos e textos de autorias diversas, mas que não tem a pretensão de pormenorizar toda a trajetória acadêmica dessa ilustre pesquisadora, uma Biblioteca Viva, no alto dos seus 89 anos de idade.

Essa outorga simboliza o compromisso da UNEB com a continuidade da valorização das africanias, dos saberes culturais e conhecimentos sobre as línguas dos povos africanos que contribuíram para a formação da Língua Portuguesa do Brasil. Isso porque o título de Doutor Honoris Causa é a maior honraria desta Universidade, concedida a ilustres figuras que prestaram serviços notáveis ao ensino, à pesquisa, às letras ou às artes, independentemente de pertencerem ou não à instituição. Entre as vultosas pessoas homenageadas estão Thabo Mbeki, ex-presidente da África do Sul, Abdias do Nascimento, dramaturgo e ativista político, Mãe Stella de Oxóssi, líder religiosa e imortal na Academia de Letras da Bahia, e Cacique Juvenal Payayá, um proeminente líder indígena, escritor e professor.

Trata-se de uma pesquisadora que historiciza e apresenta o legado linguístico de origem africana no Brasil com rigor acadêmico, possibilitando tanto o cumprimento da Lei 10.639/2003, visto que se compromete com a pesquisa e o ensino das africanias na Língua Portuguesa do Brasil; com a formação de docentes formadores de sujeitos negros e não-negros; com o combate ao preconceito linguístico relativo aos falares afro-brasileiros; e com o fortalecimento das relações culturais e linguísticas Brasil-África.

A Professora Yeda sempre protagonizou seus enredos, e não foi diferente neste memorial. Sob a sua condução, nós, suas discípulas e seus discípulos da UNEB, com o apoio da nossa Universidade, reunimos e compilamos textos, fotografias, honrarias, documentos diversos para a elaboração deste memorial ilustrado. Ela leu, ajustou, releu e aprovou. Convidamos a comunidade unebiana a conhecer a sua inspiradora história de vida.





*Yeda Antonita Pessoa de Castro*

a menina do Largo da Barroquinha, nº 35

## 1 ABRAÇOS DA MENINA DA BARROQUINHA: ESTUDO E PESQUISA SOBRE LÍNGUAS E CULTURAS AFRICANAS

Yeda Antonita Pessoa de Castro, em entrevista ao jornal baiano A Tarde, em junho de 2022, ao lembrar como surgiu seu interesse em abraçar estudos sobre línguas africanas e falares afro-brasileiros na Língua Portuguesa, narrou sua história, e aqui lembraremos. A menina Yeda nasceu na Barroquinha, nº 35, Baixa dos Sapateiros, Salvador, Bahia. Seu pai era funcionário público, e sua mãe, dona de casa. Viveu sua infância nesse bairro, e a maioria da sua vizinhança era negra. Sempre rodeada de amigos, todos negros, ficava muito curiosa quando alguns deles falavam algumas palavras que ela não entendia, mas nada que impedisse a comunicação, apenas foi sendo nutrida a sua bisbilhoteira investigativa de menina atenta ao mundo, indagadora de tudo ao seu redor.

Quando completou 7 anos, a pequena Yeda ganhou de presente do seu pai um livro chamado O aviãozinho vermelho, escrito por Érico Veríssimo, publicado no mesmo ano em que ela nasceu, 1936. Esse livro conta a história de um menino branco que recebeu de presente de aniversário um livro e um aviãozinho vermelho.



Na trama, ele sonhou que estava viajando nesse aviãozinho por vários lugares, inclusive foi à África. Lá, muitos meninos negros apareceram falando coisas que o menino branco não entendia, e ele dizia que aqueles meninos não falavam língua de gente. Então, ainda menina, Yeda percebeu o preconceito, ficou intrigada e logo pensou em todas as crianças negras com quem ela brincava. Ficou curiosa, querendo saber como aquilo era possível: se seus vizinhos falavam a língua que ela entendia, como é que, no livro, o menino branco não entendia o que os meninos negros falavam? Foi nessa cena da sua infância, quando começou a perceber o preconceito (que parecia não ter lógica, mas era a lógica do colonizador exposta em um livro para crianças), que houve o despertar do seu interesse em saber que língua era aquela falada na história. Em determinado momento, ela disse: “Sabe de uma coisa? Quando eu crescer, vou me dedicar a estudar essas línguas, porque quero saber o que eles estão dizendo”. Foi aí que surgiu, então, o seu interesse e o seu propósito de estudar as línguas africanas. “‘Colonizer’s logic. These natives are unintelligent – We can’t understand their language’. (Lógica do colonizador. ‘Esses nativos são ignorantes – Nós não conseguimos entender a língua deles’.). Tradução de Chinweizu (1988), Nigéria.” (López, 2003, p.7).

1. “‘*Colonizer’s logic. These natives are unintelligent – We can’t understand their language*’. (Lógica do colonizador. ‘Esses nativos são ignorantes – Nós não conseguimos entender a língua deles’.). Tradução de Chinweizu (1988), Nigéria.” (López, 2003, p.7).

Para o jornalista e entrevistador Pedro Bial, no programa televisivo *Conversa com Bial*, da TV Globo, exibido em 11 de julho de 2023, ao contar como se interessou pelas línguas africanas, a Professora Yeda atribuiu e dedicou o seu propósito de pesquisa ao povo negro da Barroquinha, afirmando: “Muitos deles foram meus heróis!”

Em 1953, a jovem Yeda prestou vestibular para o curso de Letras Anglo Germânicas. Foi aprovada e ingressou no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA).



Além de aprender línguas estrangeiras que lhe permitiram acessar livros e documentos sobre culturas africanas, queria estudar e conhecer melhor a língua falada pelas pessoas negras aqui no Brasil e no continente africano. Matriculou-se, fez o curso todo e não viu absolutamente nenhuma informação, “nem sequer de leve”, sobre línguas africanas. Nada se estudava sobre línguas indígenas, nem sobre línguas africanas.

Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia  
Letras Anglo Germânicas  
Formatura 1958

De 1969 a 1972, cursou o Mestrado em Ciências Sociais, foi orientanda de Joselice Macedo e Olasope Oylaram, defendeu a dissertação *Religious Terminology and Everyday Speech Vocabulary of an Afro-Brazilian Cult House* (Terminologia religiosa e o falar cotidiano em uma casa de culto afro-brasileira). De 1972 a 1974, aprofundou a sua pesquisa na perspectiva linguística, cursando o Mestrado em Línguas Africanas na Universidade de Ifé (UNIFE), Nigéria.

Insistiu e continuou a buscar conhecimentos sobre línguas africanas, até que apareceu em sua vida o professor Agostinho da Silva, fundador do Centro de Estudos Afro-Orientais.



Professor Agostinho da Silva

Acesso: <https://jornalgrandebahia.com.br/2018/07/ufba-ceao-homenageia-agostinho-da-silva-fundador-e-primeiro-diretor-confira-video/>



Fotografia da defesa de tese de doutoramento da Profª Yeda Antonita Pessoa de Castro, junto à sua Banca Examinadora (1976).

Exibida no Curso Línguas africanas que fazem o Brasil. Museu da Língua Portuguesa. 27 jun. 2024. Secretaria de Cultura de São Paulo. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_tg5XjcOnI](https://www.youtube.com/watch?v=V_tg5XjcOnI)>. Acesso em: 10 ago. 2024.

De 1974 a 1976, ela cursou Doutorado em Línguas e Literaturas Africanas na Universidade Nacional do Zaire (UNAZA), Zaire, atual República Democrática do Congo. Em 1976, defendeu a tese De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil (Sobre a integração das contribuições africanas aos dialetos da Bahia no Brasil), tendo sido orientada por Jean-Pierre Angenot. Estudou línguas bantu. Em 2012, cumpriu Pós-Doutorado na Universidade Agostinho Neto (UAN), Angola. Foi assim que a Etnolinguista se tornou Doutora (Ph.D.) em Línguas Africanas.



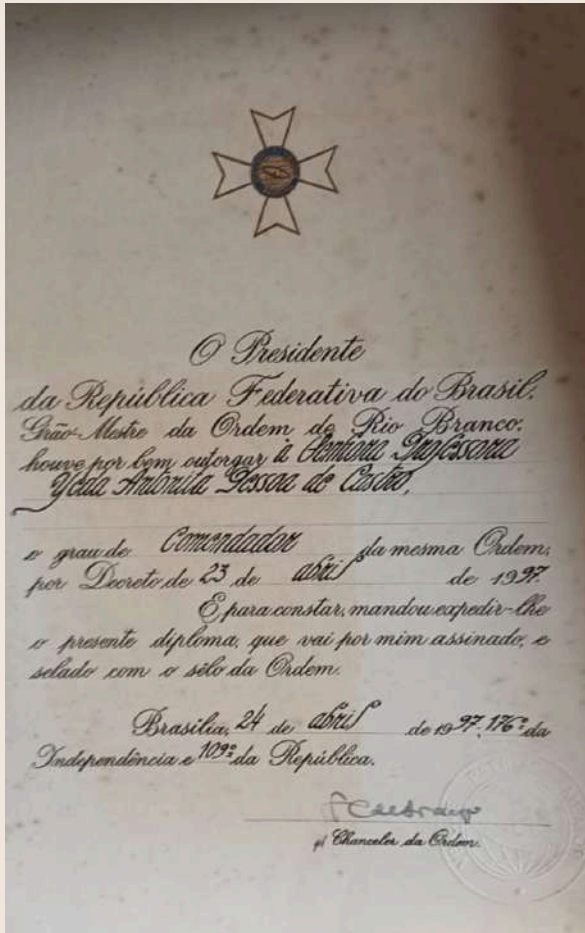
Foi condecorada pelo Itamaraty no Grau de Comendadora da Ordem do Rio Branco e com a Comenda Maria Quitéria pela Câmara de Vereadores da Cidade do Salvador, por serviços prestados ao País na política de aproximação cultural Brasil-África da qual foi pioneira, tendo sido o primeiro indivíduo brasileiro a defender tese de pós-graduação em uma universidade africana.



Comenda Grau de Comendadora da Ordem do Rio Branco em 1997- Acervo Pessoal



Condecoração no Itamaraty-Brasília, Grau de Comendadora da Ordem do Rio Branco pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. Na foto também se encontra o vice-presidente Flávio Marciel.  
Foto: Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro



Comenda Maria Quitéria pela Câmara de Vereadores da Cidade do Salvador por serviços prestados ao País na política de aproximação cultural Brasil-Africa-1989.

Trabalhou como Professora Visitante em universidades da África e do Caribe, onde atuou como Adida Cultural da Embaixada do Brasil em Trinidad-Tobago. Na Bahia, foi Diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, fundou o Museu Afro-Brasileiro em Salvador. Foi Professora Convidada da Universidade Livre de Berlin e da Universidade de Jena na Alemanha a partir de 2000. Fundou o Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas (GEAALC) da Universidade do Estado da Bahia, hoje transformado em Núcleo (NGEALC), onde permanece atuando como líder-mentora ad aeternum, pois é uma Imortal nas Letras, e a sua obra é referência obrigatória nesse Núcleo. Foi Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), lecionando Línguas e culturas africanas, participando de bancas de Mestrado e Doutorado; e Professora Consultora do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), tendo orientado e coorientado pesquisas em ambos programas.



Professora Convidada da Universidade Livre de Berlin -  
Universidade de Jena na Alemanha  
Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

A importância das suas pesquisas, resultado de mais de cinquenta anos de investigação participante nos dois lados do Atlântico, mereceu reconhecimento internacional. Tem proferido conferências em congressos internacionais em vários países, a convite da ONU, da UNESCO (sendo membro permanente do Programa A Rota do Escravo, renomeado como Rotas dos Povos Escravizados: Resistência, Liberdade, Patrimônio) e de instituições acadêmicas onde os estudos africanos são encarados com rigor acadêmico. Com vários trabalhos publicados sobre relações culturais e linguísticas Brasil-África, o conjunto de sua obra é considerado como uma renovação nos estudos afrobrasileiros por redescobrir a extensão da influência banto no Brasil e introduzir a participação de falantes africanos na formação do português brasileiro.

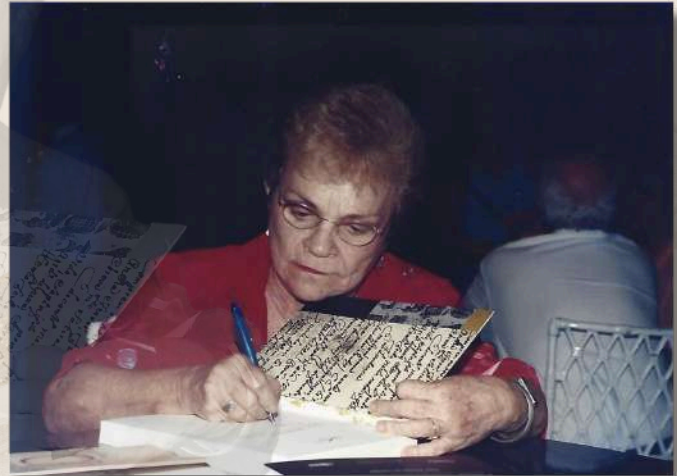


Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

Há 21 anos, em 2004, começou a trabalhar como Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz, em São Paulo, que abriga exposição permanente e exposições temporárias sobre as africanias nas culturas e na Língua Portuguesa do Brasil. Vale ressaltar que, em lugar do termo “africanismos”, carregado de sentido pejorativo pelo sufixo “-ismo”, Pessoa de Castro prefere professar o conceito de africanias, que designa “o legado linguístico-cultural negroafricano nas Américas”. Sobre a criação do termo africanias, a etnolinguista explica:



[...] foi construído no mundo acadêmico pelos pesquisadores da Cátedra UNESCO de Estudos Afro-ibero-americanos da Universidade Alcalá de Henares, na Espanha, em 1994, liderado, então, pelo cientista político Luis Beltrán, inspirado na definição da antropóloga colombiana Nina Friedmann em “Cabildos negros, refúgios de africanias em Colombia” (Revista Montalbán, Universidade Católica Andrés Bello, 1988). (Pessoa de Castro, 2022, p. 11).

Museu - Foto: Joca Duarte/Divulgação-Museu da Língua Portuguesa-  
Acesso:<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/confira-a-programacao-do-museu-na-jornada-do-patrimonio/museu-da-lingua-portuguesa-16122019-credito-joca-duarte-3-1/>





Participação em eventos nacionais e internacionais -Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

Em 2005, tornou-se Consultora Técnica na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Desde 2006, pertence ao GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Em 9 de junho de 2007, foi eleita Membro da Academia de Letras da Bahia e tomou posse em 10 de abril de 2008, no Salão Nobre da atual sede, ocupando a cadeira nº11, tendo sido saudada por Consuelo Pondé de Sena. É membro do Comitê Científico Brasileiro do Projeto Rota do Escravo da UNESCO e do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN em Línguas e Culturas Africanas. Em seu currículo, listam-se muitas conferências e inúmeros artigos publicados em revistas científicas e anais de congressos no Brasil e no exterior.

2 Amálgama do nome Yeda à saudação para Oxum, Ora yèyè o! “Do yorubá Oreàre o, que significa ‘sua bondade’”. (Pessoa de Castro, 2022, p. 481).

## 2 UMA VIDA ACOLHENDO AFRICANIAS: ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE VIA PESQUISA E EXTENSÃO

A Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro atuou em duas grandes áreas: Ciências Humanas (nas subáreas: Antropologia das Populações Afro-Brasileiras; e Histórias e Culturas Africanas); e Linguística, Letras e Artes (nas subáreas: Sociolinguística e Dialetoлогия com Especialidade em Etnolinguística; Línguas Estrangeiras Modernas com Especialidade em Línguas Africanas; Língua Portuguesa). Sua produção intelectual é considerada de excepcional relevância para o desenvolvimento da educação e cultura, não somente no estado da Bahia, mas no Brasil e no mundo.

Demonstrou profícua atuação na formação University of Ifé (UNIFE), Nigéria; , direta e/ou indireta, de estudantes e professores da graduação e pós-graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e nas universidades estrangeiras: University of Ifé (UNIFE), Nigéria; Université National du Zaire (UNAZA), Zaire, atual Congo; e University of the West Indies, St. Agostine Campus (U. WEST INDIES), Trinidad e Tobago, Caribe.



University of Ifé (UNIFE), Nigéria;  
Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

Na UFBA, destacou-se por ajudar a fundar o Museu Afro-Brasileiro em Salvador, no início dos anos 1980, e pela sua atuação durante uma década (1981-1991) na direção e administração da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia e Etnologia, atuando no cargo de Diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). O CEAO foi criado em 1959, tendo ocupado importante papel na investigação das relações do Brasil com a África e a Ásia.

NA UNEB, a atuação da Professora Yeda nos âmbitos da Pesquisa e da Extensão foi (e tem sido) fundamental para despertar o interesse de novos pesquisadores, captando estudantes da graduação e da pós-graduação, orientando professores em formação continuada, em pesquisas voltadas para as Africanias nas Línguas e nas Culturas Afro-Brasileiras e Africanas. Para tanto, dois dos seus feitos marcaram a História desta universidade: a fundação do GEALC (atual NGEALC) em 2005; e a criação do evento Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas (SIALA) em 2006.



Fundação do Museu Afro-Brasileiro em Salvador-Reitor Edgar Santos - O Museu Afro-Brasileiro da UFBA (MAFRO) foi fundado em 1982 por meio de um acordo entre os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação e Cultura do Brasil, o Governo da Bahia, a Prefeitura de Salvador e a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

Nos idos de 2006, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB – foi criada, dentro do grupo de pesquisa GELLC – Grupo de Estudos em Língua, Linguagem e Cultura – inicialmente vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e ao seu Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem, a Linha de Pesquisa Línguas Negro-Africanas no Brasil, que teria como pesquisadora responsável a Dra. Yeda Antonita Pessoa de Castro. Nessa Linha, foi criado um grupo de pesquisa que permanece atuante até os dias de hoje, tendo se tornado Núcleo.

O GELLC (que deu origem ao atual NGEALLC) foi um grupo de pesquisa cadastrado junto ao CNPq e certificado pela UNEB a partir de 2005. Desde a sua criação, ofereceu duas linhas de pesquisa em torno da Língua Portuguesa, Linguagem e Cultura. Com sua exposição na Plataforma Lattes, do CNPq, o GELLC teve boa receptividade às atividades e aos estudos realizados em sua maioria por estudantes da graduação em Letras, egressos atuantes no Ensino Médio e mestrados, além de três professoras doutoras do PPGEL: Norma da Silva Lopes, Edil Silva Costa e Rosa Helena Blanco Machado.



Etnolinguista Yeda Castro: “A UNEB trouxe para a academia o que nós chamamos de o povo de santo”  
Texto: Toni Vasconcelos/Ascom. Fotos: Danilo Oliveira/Ascom.  
Posted On 5 dez 2023.  
<https://agenciadecomunicacao.uneb.br/felizmente-a-uneb-se-iluminou-de-novo-com-essa-gestao-e-trouxe-o-siala-de-volta-profa-yeda-pessoa-de-castro/>.

Quando foi introduzida mais essa Linha de Pesquisa dedicada aos estudos em torno de línguas e culturas africanas e questões afro-brasileiras, notou-se um grande público interessado em participar dos estudos e da programação do GELLC: alunos universitários, educadores vinculados ao Ensino Fundamental e Médio, e diversas pessoas curiosas sobre as temáticas em questão. Em 2007, então, a Professora Yeda elaborou material didático-pedagógico intitulado A influência das línguas africanas no português brasileiro, publicado pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador (SMED), Bahia, possibilitando aos docentes da Educação Básica reflexões e aplicações, em salas de aula, de conteúdos voltados ao ensino e à valorização das contribuições culturais e africanas, principalmente, sobre as influências das línguas africanas nos falares brasileiros.

Com tal apelo de participação no grupo para usufruir dos estudos e dos conhecimentos que aquela Linha de Pesquisa anunciava, não restou, senão, à líder do grupo, propor à Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro, responsável pelos estudos, a abertura de um grupo de pesquisa devotado especificamente às abordagens em torno das temáticas referentes não somente à formação da Língua Portuguesa do Brasil, como também o viés da cultura e da etnicidade que atravessam os estudos linguísticos.

Os pretendentes a participar do grupo, das suas reuniões, dos seus estudos com discussões dos seus interesses, viam ali a oportunidade de, em grande parte, conhecer mesmo um pouco mais da sua própria história, da cultura dos seus antepassados, da formação de grande parte do povo brasileiro. Em 2008, diante do entusiasmo testemunhado, a professora Yeda Pessoa não titubeou e, então, foi criado o GEAALC – Grupo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas.

O GEAALC (posteriormente nomeado NGEAALC, em razão de passar a ser um Núcleo de Pesquisa), grupo cadastrado junto ao CNPq, tem como principal objetivo aprofundar o entendimento da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afrobrasileira, o conhecimento e a divulgação das línguas africanas, com especial atenção para as línguas subsaarianas da família nigero-congolesa e sua parcela de contribuição na constituição do português brasileiro e na conformação da nossa etnicidade. Está voltado não somente para a pesquisa, o ensino acadêmico e a formação de professores do Ensino Básico e Fundamental, mas sobretudo para a formação e a divulgação de saberes das comunidades tradicionais afro-brasileiras: terreiros; quilombos; confrarias (a exemplo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos) etc.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO PROEX  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFROANOS E APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA CONGOLA - NGEALC

## Curso de Interação dos Saberes sobre História e Culturas Africanas e Afrobrasileira

INVESTIMENTO: R\$ 20,00

19/05/11 a 06/06/11 das 14h às 18h

Salvador - BA

INFORMAÇÕES RESERVA:  
Tel: (71) 3117-2448  
9900-0022@uneb.br  
E-mail: www.uneb.br  
www.uneb.br/proex

UNEB  
PROEX  
UNEB  
Núcleo de Estudos Africanos e Apropriação da Língua Congola - NGEALC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO PROEX  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFROANOS E APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA CONGOLA - NGEALC

## CONTANDO A ÁFRICA PARA A TERCEIRA IDADE

PROGRAMAÇÃO

1. ÁFRICA: UM CONTINENTE
2. OS POVOS AFROANOS
3. A TRANSMISSÃO DO SABER ATRAVÉS DA ORALIDADE
4. LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL
5. A CULTURA AFROBRASILEIRA
6. O LEGADO DA MÚSICA E DA DANÇA

ATIVIDADES PROGRAMADAS:

1. CASA DE ANGOLA
2. CASA DO BENIN
3. MUSEU AFROBRASILEIRO - UFBA
4. ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
5. INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

Com muitos trabalhos e visitas programadas, o curso CONTANDO A ÁFRICA PARA A TERCEIRA IDADE tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre história e culturas africanas e afrobrasileiras, assim como suas línguas e literaturas.

INDICAÇÕES E INFORMAÇÕES:

PROF. ALEXANDRE FERNANDES  
UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE - UATI  
TEL: (71) 3117-2275

LOCAL: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE - UATI  
Rua Silveira Martins, nº 2555 - Canela  
02 DE MAIO A 06 DE JUNHO DE 2011

Folder do curso Contando a África para a terceira idade (UATI, Salvador, de 02/05 a 06/06/2011).[1]

Dois grandes eventos que trataram das questões afetas ao grupo foram realizados na Universidade do Estado da Bahia, ambos em Salvador, com a coordenação e organização primordial do GELLC: o I Seminário Acolhendo as Línguas Africanas, I SIALA, em 2006; e o Brasil-África, em 2007. Esses acontecimentos contaram, naquelas ocasiões, com a participação e a colaboração de alguns Departamentos da Universidade, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PPG), Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e sempre com o apoio do DCH I, departamento ao qual o GELLC foi inicialmente filiado, passando a ser vinculado posteriormente à PROEX.

Depois disso, já sob o comando do GEAALC, foram realizados o II SIALA (2008), o Encontro AfricAméricas e o III SIALA, com apoio não só da nossa Universidade, mas também da UNESCO, e de universidades africanas, europeias e estadunidenses.

O SIALA – Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas demonstra ter visibilidade não só na Bahia, mas também em outros centros, e isso se deve, certamente, à seriedade de suas organizações e planejamentos e, sobretudo, em consequência da diversidade e riqueza das suas atividades, palestras, mesas-redondas, conferências, para os quais são fundamentais o conhecimento e a amplitude de acesso nos contatos estabelecidos por sua Coordenadora primeira, a Professora Yeda Pessoa, bem como por seus vários participantes e organizadores. A concretização coletiva desses Seminários se dá por muitas mãos, sempre à escuta da sua Mentora.

O SIALA tem sido realizado, quase sempre, a cada dois (2) anos, exceto no período de distanciamento social, em razão da pandemia de COVID-19, tendo acontecido, na ordem seguinte: I SIALA – UNEB, Salvador/BA (2006); II SIALA – UNEB, Salvador/BA (2008); III SIALA – UNEB, Salvador/BA (2010); IV SIALA – UNEB, Salvador/BA (2012); V SIALA – UNEB, Salvador/BA (2014); VI SIALA – UFMG, Belo Horizonte/MG (2016); VII SIALA – UFES, Vitória/ES (2018); VIII SIALA – UNEB, Salvador/BA (2023); IV SIALA – UNEB, Salvador/BA (previsto para 2026).



IV SIALA : Gestores da universidade e da capital e líderes culturais compuseram mesa.

Fotos: Vicente Andrade/Ascom -acesso:<https://ngealc.blogspot.com/2012/10/iv-siala-uneb-assina-acordo-de.html>





Oitava edição do Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas (Siala) 2023  
Texto: Toni Vasconcelos/Ascom. Fotos: Danilo Oliveira/Ascom. Posted On 5 dez 2023.

Todos esses Seminários buscaram abordar, conhecer, amadurecer temáticas sobre as línguas e culturas africanas, bem como sobre questões linguístico-culturais afro-brasileiras, no intuito de oferecer oportunidades de conhecimento e de discussão através de uma reorientação metodológica que proporcionasse abrir portas do saber que ainda nos falta em relação às línguas negro-africanas no Brasil – a despeito do enorme vulto dos seus falantes em nossa formação, bem como de sua inserção na história do Brasil – e às diversas nações africanas que, desde sempre, têm se relacionado com o nosso país. Para tanto, são convidados eminentes pesquisadores brasileiros e de conceituadas Universidades estrangeiras dos continentes europeu, americano e africano.

O SIALA tem perfil internacional, já com tradição no calendário acadêmico do país, posto que vários centros universitários se interessaram (e continuam demonstrando interesse) em também promover esse evento motivador de profícuos diálogos entre pesquisadores e representantes de diversas comunidades afrobrasileiras. É bastante forte a presença de jovens pesquisadores interessados por esses assuntos, vindos de toda parte do Brasil, que se inscrevem e participam das edições do SIALA, apresentando também os resultados de suas pesquisas desde a Iniciação Científica à Pós-Graduação stricto sensu. Ao lado das pesquisas, há compartilhamento de saberes em um sem-número de manifestações culturais de comunidades afroreligiosas brasileiras e internacionais. Em todas as edições do SIALA, os estudos sobre africanias ultrapassam questões estritamente linguísticas, abrangendo também multifacetadas expressões artísticas por meio da palavra oral e/ou escrita. Nesse Seminário, sempre houve espaço para estudos literários e culturais atravessados pela oralidade.



Fotografia da Prof<sup>a</sup> Yeda Pessoa com o Magnífico Reitor Orlando da Mata na Universidade Agostinho Neto (Angola, 25/08/2012).<sup>[1]</sup>  
<sup>[1]</sup> Disponível em: <<https://ngealc.blogspot.com/2012/11/dra-yeda-pessoa-de-castro-em-luanda.html>>. Acesso em: 10 ago. 2024. Foto: ASCOM/UNEB

Os objetivos do SIALA foram idealizados como um espaço de reconhecimento e de tributo da Academia às línguas negro-africanas e aos seus falantes como partícipes que foram da construção do português do Brasil, razão pela qual foi intitulado *Acolhendo as Línguas Africanas*. Deste palco de reconhecimento e tributo, intenciona-se: despertar na comunidade acadêmica brasileira o interesse pelo estudo das línguas africanas e suas culturas; tematizar a importância desses estudos para o entendimento da formação e sentido da nação brasileira; estabelecer discussões e desenvolver trabalhos interdisciplinares, pesquisas em torno de suas áreas temáticas no campo da socioetnolinguística; proporcionar reflexões alternativas para educação, para a produção do conhecimento pedagógico, de modo a tornar a educação brasileira mais abrangente e mais coerente com os diversos paradigmas do saber, do conhecimento e da experiência do ser humano; divulgar os trabalhos para a comunidade acadêmica e a sociedade.

O público-alvo do SIALA sempre foi muito amplo, aberto a todos os interessados pelos assuntos abordados: estudantes, professores, pesquisadores, artistas, religiosos e todos quantos se sintam aflitos por saber um pouco mais de sua própria história e da história do Brasil.



Caetano Veloso e Yeda Pessoa de Castro participaram juntos de uma série documental que aborda a pluralidade linguística no Brasil. Com criação, roteiro e direção de Estevão Ciavatta, <https://www.estadao.com.br/emails/tv/hbo-max-anuncia-serie-sobre-linguas-faladas-no-brasil-com-participacao-de-caetano-e-maria-bethania>

Inspirados em estudos apresentados nas diversas edições desse seminário, vários estudantes e professores da UNEB e de outras universidades brasileiras (a exemplo da UFMG e da UFES, entre outras partícipes) e internacionais (Universidade Agostinho Neto, Angola; Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique; Universidade Omar Bongo, Gabão; Universidade Obafemi Awolowo de Ile-Ifé, Nigéria; Universidade de Kamina, República Democrática do Congo; Museu Real da África Central, Bélgica; Universidade de Jena, Alemanha; Universidade de Estocolmo, Suécia; entre outras) alavancaram sua trajetória acadêmica e despontaram como atuantes na Educação Básica e no Ensino Superior.



Para além da capital baiana, a Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro também vivenciou a multicampia da UNEB, tendo participado de eventos afrocentrados desta universidade no interior da Bahia, a exemplo do I e II Xirê das Letras: Giros de Resistência, respectivamente, em 2009 e 2011, realizado pelo Curso de Letras do DCHT-XXIV, em Xique-Xique, sob coordenação coletiva dos docentes deste departamento, com a coordenação geral da Professora Lise Arruda, sob a Direção Departamental do Professor João Rocha.

Na segunda edição desse evento, a Professora Yeda intermediou contatos Brasil-África, e a comunidade unebiana xiquexiquense acolheu importantes pesquisadores de línguas, literaturas e culturas afro-brasileiras e africanas, representantes quilombolas e lideranças de terreiros locais, de Salvador e do Recôncavo Baiano, além de ter recebido equipe da Rádio de Angola, que transmitiu o evento ao vivo

Professora Yeda tornou esse grande encontro ainda mais potente: a partir da rede de estudos e pesquisas que ali se criou, docentes e discentes se motivaram a avançar em estudos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, dedicando-se às africanias nas Letras. No *II Xirê das Letras*, a Professora Yeda foi homenageada pelo DCHT XXIV que agradeceu as suas contribuições intelectuais para a formação afrocentrada de estudantes de Letras da região do Semiárido banhada pelo Rio São Francisco, concedendo-lhe a placa intitulada *Ora-Ye-Yeda*, uma singela demonstração de reconhecimento do relevante trabalho do NGEALLC e gratidão pela parceria na realização de ações extensionistas.



Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

Em 2024, ainda na UNEB, foi homenageada por pesquisadores docentes e discentes de Letras no V Seminário Interno do Núcleo de Estudos Lexicais (NEL), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Celina Márcia de Souza Abbade, vinculado ao PPGEL, Programa também nascedouro do NEALLC, como já contamos. Ao longo da sua vida, em virtude do seu trabalho sobre línguas e culturas africanas, recebeu muitas honrarias, tendo sido condecorada: pelo Itamaraty no Grau de Comendadora da Ordem do Rio Branco; pela Câmara de Vereadores da Cidade do Salvador, com a Comenda Maria Quitéria, por serviços prestados ao país na política de aproximação cultural Brasil-África; e foi coroada Rainha da Guarda 13 de Maio dos Congos e Moçambiques de Minas Gerais.



Coroação Rainha da Guarda 13 de Maio dos Congos e Moçambiques de Minas Gerais  
Foto: Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro.

Recentemente, em 16 de outubro de 2025, a Universidade Federal da Bahia outorgou o título de Professora Emérita a Yeda Antonita Pessoa de Castro, outra importante homenagem à notável etnolinguista. Compuseram a Mesa Solene da Sessão de Outorga: o Magnífico Reitor da UFBA, Prof. Paulo César Miguez de Oliveira; o Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), unidade proponente da concessão do título, Prof. Marcelo Moura Melo; e o Coordenador do Museu Afro-Brasileiro (MAFRO) da FFCH da UFBA, Prof. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, que apresentou a proposta da concessão do título; e a homenageada.



O orador, Prof. Marcelo Melo, ressaltou o fato de a Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro, uma mulher baiana, ser a maior autoridade brasileira em Línguas Africanas, e a sua relevante atuação na UFBA. O orador ainda destacou o pioneirismo da Professora Yeda na conjugação de ensino, pesquisa e extensão desde a década de 1960, muito antes da Lei 10.639/2003 e das cooperações Sul-Sul: com o ensino de Yorubá e Kikongo no Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO; o ensino de História da África na FFCH; o ensino de Geografia da África no Instituto de Geociências; na Direção do CEAO,

promovendo ou apoiando pesquisas sobre a África como um continente pluriétnico e pluricultural; o seu desbravamento e coragem na criação, em 1982, fundação e curadoria do Museu Afro-Brasileiro, e importantes contribuições etnolinguísticas no periódico Afro-Ásia.



Foto: ASCOM/UFBA

Na distinta solenidade, também estavam presentes representações, autoridades da sociedade civil, pesquisadores, artistas, familiares e pessoas amigas: representando o Governador da Bahia e a Secretaria de Educação, o Prof. José Bites, Coordenador Executivo de Programas e Projetos Estratégicos da Educação da Bahia, que atuou como Reitor da UNEB de 2014 a 2021; a Magnífica Reitora da UNEB, Professora Adriana Marmori; o Prof. Aleilton Fonseca, Presidente da Academia de Letras da Bahia, instituição onde a Profa. Yeda é Imortal e ocupante da cadeira 11; o prefaciador do seu último livro, *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*, Prof. José Henrique de Freitas Santos, docente do Instituto de Letras da UFBA, tendo lecionado e conhecido a Professora Yeda no DCHT XXIV da UNEB; o cantor e compositor baiano, Gerônimo Santana, e os Alabês do Terreiro do Gantois, que abrilhantaram a solenidade com músicas de inspirações afro-brasileiras e africanas; e membros do NGEAALC/UNEB. Todas as autoridades e pessoas presentes reverenciaram a então Professora Emérita outorgada pela UFBA.

Na Academia de Letras da Bahia, a Imortal Yeda Pessoa também proferiu várias palestras e participou de eventos e encontros promovidos pela ALB, a exemplo do encontro com a escritora e Ialorixá Valnizia Bianch, no qual declarou sobre a relevância da oralidade, da escrita e dos registros documentais nos terreiros: "O terreiro tem oralidade, mas também tem literalidade" (Pessoa de Castro, 2023, apud Freire, 2023). E partir dessa afirmação, é possível inferir que, embora a tradição oral seja fundamental às práticas do candomblé e à transmissão de conhecimentos ancestrais, a escrita e o registro literal também estão presentes e têm importância dentro dos terreiros.



Posse na Acadêmia de Letras da Bahia  
Fotos:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro





Academia de Letras da Bahia, a Imortal Yeda Pessoa  
O colar entregue aos membros da Academia de Letras da Bahia (ALB) “colar de imortal ou colar acadêmico”  
Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro.

Na UNEB, além de inúmeros seminários e congressos, coordenou diversas ações extensionistas, a exemplo dos cursos: Contando a África para a terceira idade (2011); Iconografia dos Orixás, simbolismo das cores, mediunidades e máscaras (2011), ministrado pelo Prof. Dr. Babatunde Lawal; Línguas africanas no Brasil: introdução ao estudo das línguas subsaarianas e seus aportes na conformação do português brasileiro (2012); Interação dos saberes sobre História e Culturas Africanas e Afro-brasileiras (2013). Em 2024, no Barracão do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, a Professora Yeda ministrou aulas do módulo O português do Brasil e os falares afro-brasileiros em sala de aula, do Curso de Formação Docente Continuada Letramentos em Educação Infantojuvenil Negrorreferenciada, promovido pelo Projeto de Extensão Xirê de Palavras no Afonjá, vinculado ao NGEAALC/PROEX/UNEB.

O Brasil se fez e se faz com a participação do trabalho, da tenacidade, da atuação de povos de origem das mais diferentes. As origens africanas na constituição da nação brasileira, na sua população e na sua construção precisam ser conhecidas e valorizadas, bem trabalhadas, aprofundadas. Neste sentido, o empenho e o entusiasmo da Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro têm feito enorme diferença, ao preparar e fertilizar o terreno da docência com sementes dos saberes e dos conhecimentos sobre culturas, línguas e literaturas africanas e afro-brasileiras. “Baobás” estão crescendo nessas áreas do conhecimento pelas mãos dessa pesquisadora que homenageamos.



### 3 DE MÃOS DADAS ÀS LETRAS PRETAS: APROXIMANDO INSTITUIÇÕES E PROPICIANDO DIÁLOGOS ENTRE ACADEMIA E COMUNIDADES AFROBRASILEIRAS E AFRICANAS

Em resultado das suas pesquisas e fluidas atuações no âmbito das relações internacionais Brasil-África, a Professora Yeda foi também: fundadora do Museu Afro-Brasileiro em Salvador, Bahia; consultora de temáticas africanas do Museu da Língua Portuguesa, vinculado à Secretaria de Cultura de São Paulo; Membro permanente do Comitê Científico Brasileiro do Projeto Rota do Escravo da UNESCO. Orientou e coorientou teses sobre acervos negros. Incentivou e contribuiu em pesquisas sobre acervos digitais afro-brasileiros.



MAFRO - Reitor Edgar Santos- Arquivo Pessoal  
Foto: Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro



MAFRO - Museu Afro-Brasileiro da UFBA.

Foto: Fábio Marconi

Acesso: <https://www.salvadorbahia.com/experiencias/mafro-museu-afro-brasileiro-da-ufba/>

Em resultado das suas pesquisas e fluidas atuações no âmbito das relações internacionais Brasil-África, a Professora Yeda foi também: fundadora do Museu Afro-Brasileiro em Salvador, Bahia; consultora de temáticas africanas do Museu da Língua Portuguesa, vinculado à Secretaria de Cultura de São Paulo; Membro permanente do Comitê Científico Brasileiro do Projeto Rota do Escravo da UNESCO. Orientou e coorientou teses sobre acervos negros. Incentivou e contribuiu em pesquisas sobre acervos digitais afro-brasileiros.



Fotos:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

Como mentora do NGEAALC, ao coordenar as edições do SIALA com membros desse núcleo, professores e estudantes da UNEB e instituições parceiras, a Professora Yeda sempre puxou para as rodas de conversas e mesas redondas escritores, professores, pesquisadores africanos e brasileiros, membros de significativas instituições culturais africanas e afrobrasileiras e lideranças de comunidades religiosas negras. Entraram nessa roda representantes de entidades, organizações e universidades, a saber: Academia de Letras da Bahia (ALB); Associação Nacional de Preservação do Patrimônio Bantu (ACBANTU); Conselho Estadual de Cultura da Bahia (CEC/BA); Casa de Angola (Salvador/BA); Casa do Benin (Salvador/BA); Instituto Cultural Steve Biko (ICSB); Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB, Salvador/BA); Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB); Universidade de Kamina (UNIKAM/República Democrática do Congo); Yorubantu / Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Agostinho Neto (Angola); Fundação Pedro Calmon; entre outros.



Congresso Internacional de Africa da Diaspora  
Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro



Congresso Internacional-OLASOPE OYELARAN  
Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro

De mãos dadas às letras pretas, Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro trouxe para a UNEB importantes linguistas pesquisadoras e pesquisadores de línguas africanas (Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Amélia Arlete Mingas, Universidade Agostinho Neto, Angola; Prof. Dr. Femi Ojo-Ade, Universidade Obafemi Awolowo de Ile-Ife, Nigéria; Prof. Dr. Armindo Ngunga, Centro de Estudos Africanos na Universidade Eduardo Mondlane; Prof. Dr. Jacky Maniacky, Museu Real da África Central; Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Laura Álvarez López, Universidade de Estocolmo, Suécia; Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosa Henkel (Universidade de Berlim, Alemanha); Prof. Dr. Nicolas Ngou-Mve, Universidade Pablo de Olavide, Sevilha; Prof. Dr. Olumuyiwa Anthony Adekoya, Nigéria, USP; entre outros), linguistas de outros estados brasileiros (Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tânia Maria Alkmim, UNICAMP; Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Margarida Tadoni Petter, USP; Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mary Francisca do Careno, UNESP, UNAERP, UNISANTOS; Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sonia Queiroz, UFMG; Prof. Dr. Amarino Oliveira de Queiroz, UFRN); Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jurema Oliveira, UFES (in memoriam) e também escritoras negras e escritores negros de procedência africana ou brasileira (Filinto Elísio, Cabo-Verde; Esmeralda Ribeiro, Quilombhoje/Cadernos Negros; Elio Ferreira, UESPI/UFPI/Cadernos Negros; Carlos Limeira, in memoriam, Salvador/BA; Jaime Sodré, in memoriam, UFBA; Henrique Freitas, UFBA, prefaciador do seu livro *Camões com dendê*; entre outras figuras ilustres).



Foi também pelas mãos da imortal Professora Yeda, cadeira nº 11 da Academia de Letras da Bahia (ALB), que a Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi (agora no Orum), foi indicada e também se imortalizou na ALB, tendo ocupado a cadeira nº 33, que já foi do poeta abolicionista Castro Alves.



Ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi -  
Foto:Arquivo pessoal de Yeda Antonita Pessoa de Castro.

Há décadas, a Professora Yeda Pessoa recebeu a carinhosa *dijina* (nome) de *Yeda Muntu*, de algumas comunidades bantu em que realizou suas pesquisas em África, e assim foi demarcada quase uma iniciação (etno)linguística bantu neste espaço *desde dentro* (Freitas, 2022). No Rio Oxum, a Professora Yeda foi iniciada pelo *Ataojáde Oshogbo*, recendo título de *Olubumi* (*Aquela que trouxe as Águas*). O Rei de Ile-Ife (Nigéria), Sua Majestade OoniAdeyeyeEnitanBabatundeOgunwusi, ao vir a Salvador em junho de 2018, pediu a bênção à *Olubumi*, Yeda Pessoa, na Igreja da Barroquinha e na ocasião do *Colóquio Internacional Odùdùwa – Língua, Literatura e Epistemologias Iorubanas*, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da UFBA, realizado na Faculdade Baiana de Medicina, em Salvador. No Colóquio Odùdùwa, a Professora Yeda Castro. Nesse mesmo evento, o rei de Ile-Ife declarou a Bahia como a "Capital Yorubana das Américas".



Pelo fato de a língua-de-santo dos Candomblés da Bahia conservar muito do léxico das línguas africanas, e continua sendo a maior fonte de aportes negroafricanos apropriados pela Língua Portuguesa do Brasil, a pesquisadora Yeda Pessoa transitou desde dentro em muitos terreiros e conviveu com o povo-de-santo e suas lideranças. Ela foi/é amiga de muitas e muitos líderes de candomblés de nações diversas (e não é possível listar nominalmente todas essas pessoas), tendo convidado a falar à comunidade unebiana: Mãe Stella de Oxóssi (in memoriam) do Ilê Axé Opô Afonjá; Mãe Olga do Alaketu (in memoriam) do Ilê Maroiá Láji, mais conhecido como Terreiro do Alaketu; Taata Anselmo (in memoriam) do Terreiro Mokambo; Mameto Lembamuxi do Terreiro Tumbeci; entre outros.

Pessoa de Castro (2008) registrou que, durante o Brasil colonial, a tradição oral milenar foi amplamente difundida pelas vozes das mulheres negras na condição de sacerdotisas negro-africanas, mães-pretas, mucamas, velhas contadoras de histórias, narrando os feitos heróicos dos seus deuses, reinos e ancestrais. Em seus livros, a autora etnolinguista menciona a geração de lideranças religiosas sobreviventes ao rigor da escravidão, à discriminação racial, bem como ao preconceito religioso. Entre elas, a Professora Yeda conviveu com duas mulheres de grande destaque como poder feminino nos candomblés da Bahia: Olga Francisca Regis, Ialorixá-Princesa do Alaketu, seu Reino Nagô; e Stella Azevedo dos Santos, Ialorixá-Cronista do seu terreiro, o Ilê Axé Opô Afonjá.

Pelo fato de a língua-de-santo dos Candomblés da Bahia conservar muito do léxico das línguas africanas, e continua sendo a maior fonte de aportes negroafricanos apropriados pela Língua Portuguesa do Brasil, a pesquisadora Yeda Pessoa transitou desde dentro em muitos terreiros e conviveu com o povo-de-santo e suas lideranças. Ela foi/é amiga de muitas e muitos líderes de candomblés de nações diversas (e não é possível listar nominalmente todas essas pessoas), tendo convidado a falar à comunidade unebiana: Mãe Stella de Oxóssi (in memoriam) do Ilê Axé Opô Afonjá; Mãe Olga do Alaketu (in memoriam) do Ilê Maroiá Lájí, mais conhecido como Terreiro do Alaketu; Taata Anselmo (in memoriam) do Terreiro Mokambo; Mameto Lembamuxi do Terreiro Tumbeci; entre outros.

Pessoa de Castro (2008) registrou que, durante o Brasil colonial, a tradição oral milenar foi amplamente difundida pelas vozes das mulheres negras na condição de sacerdotisas negro-africanas, mães-pretas, mucamas, velhas contadoras de histórias, narrando os feitos heróicos dos seus deuses, reinos e ancestrais. Em seus livros, a autora etnolinguista menciona a geração de lideranças religiosas sobreviventes ao rigor da escravidão, à discriminação racial, bem como ao preconceito religioso. Entre elas, a Professora Yeda conviveu com duas mulheres de grande destaque como poder feminino nos candomblés da Bahia: Olga Francisca Regis, Ialorixá-Princesa do Alaketu, seu Reino Nagô; e Stella Azevedo dos Santos, Ialorixá-Cronista do seu terreiro, o Ilê Axé Opô Afonjá.

Olga Francisca Regis, OyáFunmin, faleceu no ano de 2005, deixando como legado ensinamentos em suas palavras sempre bem ditas onde fosse e onde estivesse. Ela sempre defendia o sagrado da sua religião e suas raízes ancestrais. É possível acessar alguns dos seus pronunciamentos magistras como aqueles que foram documentados no seu depoimento nos Anais do Encontro de nações de Candomblé, realizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Bahia (CEAO) em 1981.

Maria Stella de Azevedo Santos, Ode Kayode, outorgada Doutora Honoris Causa na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), é autora de uma literatura que restaura a imagem da mulher negra de um enredo em que ela foi perversamente colocada como sendo personagem omissa e sem voz no processo. Pessoa de Castro (2008) registrou as enfáticas palavras de Mãe Stella de Oxóssi, originalmente registradas no seu livro *Meu Tempo é agora* (1991):

“Não podemos ficar confinados ao Axé. A tradição somente oral é difícil. O que não se registra, o tempo leva. (...) A Olorixá tem que se alfabetizar, adquirir instrução para não passar pelo dissabor de dizer sim à própria sentença. Ninguém ignora a avalanche de livros sobre jogos de búzios, receitas de ebó, iniciação e por aí adiante... Isso é profanação, destruição da religião, o jogo do inimigo. E ponto final”

Graças a esses encontros, cursos de extensão e exposições propiciados pela Professora Yeda, a Academia, as diversas instituições educacionais e culturais, o povo-de-santo, os artistas negros e os movimentos populares puderam compartilhar espaços de construção de conhecimento, de aprendizagem sobre as línguas e culturas africanas e afro-brasileiras.



<https://ceao.ufba.br/palestra-da-professora-yeda-pessoa-de-castro-linguas-negroafricanas-no-brasil-e-o-preconceito>



## NA “CONTRAMÃO DA HISTÓRIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA HONRARIA E DOS LEGADOS A SEREM CONTINUADOS

As considerações que aqui escrevemos não são finais, muito pelo contrário, quiçá iniciem novos rumos tão desejados pela Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro para a história do ensino de Línguas Africanas na Educação Superior e na Educação Básica do Brasil, e para fazer reverberar, sobretudo na Bahia, especialmente na UNEB, os seus esforços dedicados às pesquisas etnolinguistas durante décadas da sua vida.

Em entrevista ao jornal A Tarde, sobre o seu porvir, a Professora Yeda anunciou que, em breve, publicaria o seu próximo livro intitulado Na contramão da história, no qual narra acontecimentos que ela vivenciou no decorrer do desenvolvimento das suas pesquisas. Ela, uma mulher de fenótipo branco, conta que sofreu e ainda sofre muita discriminação no Brasil, na Bahia, por se dedicar aos Estudos Africanos, e desabafa sobre o que lhe entristece: a dificuldade de implantar o ensino de Línguas Africanas nos cursos de Letras da Educação Superior:

Tem três universidades na Alemanha que ensinam, aqui ninguém quer saber nem quer ensinar kimbundu, uma língua de Angola, por exemplo. Tentei propor uma disciplina de kimbundu na UNEB, e resultado: não aceitaram. Eles não disseram nada. De um dia para o outro recebi um aviso de que eu não era mais coordenadora dos outros Estudos Africanos da UNEB. Simplesmente, do nada, me botaram para fora. (Pessoa de Castro, 2022b).

Embora esse episódio tenha ocorrido em outra gestão, em um passado mais distante, notamos que a nossa UNEB, uma instituição inclusiva, que se propõe a acolher pessoas PCD, LGBTQIA+, negras, indígenas, ciganas, idosas etc., deve se preparar para compreender e ensinar os códigos, as línguas dos falantes que compõem a comunidade acadêmica. Salvador é a cidade com a maior população negra fora da África. Então, de fato, parece ser frustrante para uma incansável pesquisadora etnolinguista, de 89 anos, ver que, na prática, a Academia ainda não reconhece em justa medida a necessidade de ensinar as Línguas Africanas como componentes curriculares. Na mesma entrevista, a Professora Yeda ressalta:

Vou falar que a Universidade Federal da Bahia, que está assentada numa cidade que tem uma maioria da população negra, no entanto, não dá a mínima importância para a língua africana. Só recentemente um grupo de estudos lá na UFBA começou a ensinar yorubá e kimbundu, mas como um curso de extensão. E não é isso. Tem de colocar como uma disciplina curricular, ao lado do japonês, do alemão, do inglês. Aí sim. Tem ainda os indígenas. É muito estranho isso, não acha? Além disso, não gostam que se fale no assunto. Foi o que aconteceu. Até hoje estou falando, mas não adianta. Talvez agora comece a adiantar alguma coisa, acabar com essas estruturas. (Pessoa de Castro, 2022b).

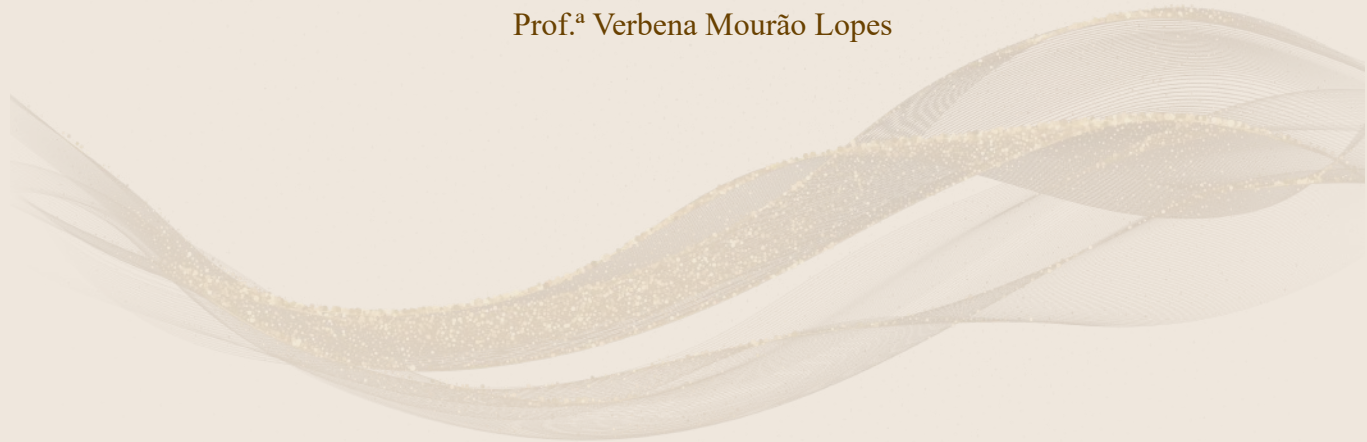
Idade é posto, e a Professora Yeda não errou a mão. Quem pesquisou a vida inteira sobre as africanias tem o direito de defendê-las. No texto *Aos leitores*, em *Camões com dendê*, a autora escreveu sobre a verdadeira morte, que não é a da carne, mas da alma. Mas quando é que alma morre? Ela rememorou um

provérbio angolano, em língua kimbundo, que diz: “Kifua o dimi, mwenyu u fuawe! Morre a língua, a alma morre também!” (Pessoa de Castro, 2022a, p. 18).). Para eternizar o legado dos povos africanos no Brasil, precisamos nos comprometer em aprender e ensinar suas línguas. Para imortalizar a Professora Yeda Antonita Pessoa de Castro, devemos deixar viva a sua alma, vivificando sempre, na educação sistêmica, as presenças das línguas africanas que fazem o Brasil.

Por tudo que aqui expusemos sobre a vida acadêmica dessa Etnolinguista, embora de forma muito sintética diante da grandeza dessa Biblioteca Viva, a Universidade do Estado da Bahia outorga o título de Doutora Honoris Causa à Professora Yeda Castro, uma pesquisadora que, com rigor acadêmico, historiciza, apresenta e explica didaticamente o legado linguístico de origem africana no Brasil, possibilitando que professores universitários se formem continuamente e que ensinem aos graduandos, e estes também se formem e ensinem a estudantes do Ensino Médio e da Educação Básica, fazendo cumprir a Lei 10.639/2003.

Em 11 de dezembro de 2025, o maior título de honraria é concedido a quem dedicou sua vida aos estudos, ao combate ao preconceito linguístico relativo aos falares afro-brasileiros e à defesa de nossa Língua Brasileira. Vida longa à Professora Dr<sup>a</sup> Yeda Antonita Pessoa de Castro! Na organização deste memorial, representamos o Corpo Docente dos Cursos de Letras e Artes da Universidade do Estado da Bahia. Somos gratas e gratos por tudo e por tanto! Adupe, ore mi! Ngasakidilakambadyami!

Prof. César Costa Vitorino  
Prof. João Silva Rocha Filho  
Prof.<sup>a</sup> Lise Mary Arruda Dourado  
Prof.<sup>a</sup> Verbena Mourão Lopes



## REFERÊNCIAS

ABRALIN. Africanias e Yeda Antonita Pessoa de Castro: uma homenagem. Live em 27 nov. 2021. Disponível em: <<https://aovivo.abralin.org/lives/yeda-pessoa-de-castro/>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Yeda Antonita Pessoa de Castro, cadeira 11: biografia. Salvador: ALB, 2008. Disponível em: <<https://academiadeletrasdabahia.org.br/profile/yeda-pessoa-de-castro/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003.

CALDAS, F.; QUEIROZ, M. A. (Coord.). Sessão Solene de Outorga do Título de Professora Emérita à Profa. Yeda Antonita Pessoa de Castro. TV UFBA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=weI6AR-n2kU>>. Acesso em: 20 out. 2025.

FREIRE, E. Academia de Letras da Bahia realiza encontro com Valnizia Bianch. Bate papo acontece nesta quarta, 18h, com relançamento do livro Reflexões: 'Escritas de Mãe Valnizia Bianch'. A Tarde, 05/04/2023. Disponível em: <<https://atarde.com.br/cultura/academia-de-letras-da-bahia-realiza-encontro-com-valnizia-bianch-24722#:~:text=%E2%80%9CO%20terreiro%20tem%20oralidade%2C%20mas%20tamb%C3%A9m%20tem,Bianch%20pela%20Academia%20de%20Letras%20da%20Bahia.>>. Acesso em: 20 out. 2025.

FREITAS, H. Yeda e o devir muntu: a etnolinguística com dendê (Prefácio). In: PESSOA DE CASTRO, Y. *Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: RJ: Topbooks Editora, 2022. p. 19-24.

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON. FPC Entrevista – Yeda Antonita Pessoa de Castro: uma vida dedicada às línguas e culturas negroafricanas no Brasil. *Conversando com a sua História*. Governo do Estado da Bahia, FPM/SecultBA, Salvador, 14 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.fpc.ba.gov.br/2016/03/07/fpcentrevista-yeda-pessoa-de-castro-uma-vida-dedicada-as-linguas-e-culturas-negroafricanas-no-brasil/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. *IPAC Participa de Evento Que Torna a Bahia Capital Iorubana das Américas*. 12/06/2018. Disponível em: <<https://www.ba.gov.br/ipac/noticias/ipac-participa-de-evento-que-torna-a-bahia-capital-iorubana-das-americas>>. Acesso em: 02 set. 2024.

LÓPEZ, L. A. *A língua de Camões com Iemanjá: forma e funções da linguagem do candomblé*. Tese de Doutorado. Departamento de Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-Americanos. Estocolmo, Suécia: Stockholm University, 2004.

MACHADO, R. H. B. *Histórico do SIALA*. Salvador: UNEB, 2017.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Línguas africanas que fazem o Brasil: 2ª aula com Profa. Yeda Pessoa de Castro. São Paulo: MLP, 2024. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_tg5XjcOnI](https://www.youtube.com/watch?v=V_tg5XjcOnI)>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2º quadrimestre de 2024. São Paulo: MLP, 2024. Disponível em: <[https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2024/09/MLP\\_REL\\_2\\_QUAD\\_2024.pdf](https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2024/09/MLP_REL_2_QUAD_2024.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2025.

NUNES, D. A vida da doutora Yeda Antonita Pessoa de Castro em estrofes e versos. (Cordel). Salvador: [s.n.], 2016.

PAYAYÁ, A. R. Yeda Pessoa merece Orikis em todas as manhãs (comentário sobre a videoaula Línguas africanas que fazem o Brasil: 2ª aula com Profa. Yeda Pessoa de Castro). São Paulo: MLP, 2024. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_tg5XjcOnI](https://www.youtube.com/watch?v=V_tg5XjcOnI)>. Acesso em: 16 jul. 2025.

rir um pouquinho de texto

\_\_\_\_\_. Também mulher, imagem de Deus. In: QUINTAS, F. Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. Anais do V Congresso Afro-Brasileiro. Recife, abril, 1994. Recife: Editora Massanga, 1995a, p. 85-89.

\_\_\_\_\_. Proyección histórica y perspectivas de la población negra en Bahía, Brasil. In: MARTÍNEZ MONTIEL, L. M. (org.). Presencia africana en Sudamérica. San Ángel: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1995b, p. 277-390.

PESSOA DE CASTRO, Y. A. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

\_\_\_\_\_. A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Secretaria de Estado da Cultura, 2002a. (Coleção Mineiriana – Série Clássicos).

\_\_\_\_\_. Línguas africanas no Brasil: exclusão e preconceito. *Palmares em Ação* 1. 2002b, p. 37-41.

\_\_\_\_\_. A influência das línguas africanas no português brasileiro. Salvador: SMED, 2007.

\_\_\_\_\_. As vozes do saber. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia*, vol.103 (jan-dez) 2008. Salvador: IGHB. pp. 13-24.

\_\_\_\_\_. et al (orgs.). *Acolhendo as línguas africanas: segundo momento*. Salvador: EDUNEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Marcas linguístico-culturais diferenciadoras de identidade negro-africana entre religiões afro-brasileiras. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 275-288.

\_\_\_\_\_. Yeda Antonita Pessoa de Castro: a menina da Barroquinha. [Entrevista cedida à Celina Márcia de Souza Abbade]. *Pontos de Interrogação*, v. 3, n. 2, jul./dez.2013. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*. Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas, Bahia. p. 233-243.

PESSOA DE CASTRO, Y. A. Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro-brasileiros. Rio de Janeiro: RJ: Topbooks Editora, 2022a.

\_\_\_\_\_. “Minha vida é na contramão da história”, diz etnolinguista. Yeda Antonita Pessoa de Castro lança sua nova obra, o livro Camões com Dendê [Entrevista cedida a Vinícius Marques] A Tarde, Salvador, 05 jun. 2022b. Disponível em: <<https://ptarde.com.br/muito/minha-vida-e-na-contramao-da-historia-diz-etnolinguista-1197115>>. Acesso em: 12 set. 2024.

\_\_\_\_\_. Pedro Bial entrevista Caetano Galindo e Yeda Antonita Pessoa de Castro. Conversa com Bial, TV Globo. Programa exibido em 11 jul. 2023. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/11774862/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

PESSOA DE CASTRO, Y. Curso Línguas africanas que fazem o Brasil. Museu da Língua Portuguesa. 27 jun. 2024. Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=V\\_tg5XjcOnI](https://www.youtube.com/watch?v=V_tg5XjcOnI)>. Acesso em: 10 ago. 2024.

REGIS, O. F. Depoimento. Anais do Encontro de nações de Candomblé. Centro de Estudos Afro-Orientais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1981.

SANTOS, E. M. A. Meu Tempo é agora. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010 [1991].

UNESCO. Rotas dos povos escravizados: resistência, liberdade, herança. UNESDOC Digital Library, 2006 [1994]. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000146546\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000146546_por)>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VASCONCELOS, T. “Felizmente a UNEB se iluminou de novo com essa gestão e trouxe o SIALA de volta” – Professora Yeda Pessoa de Castro. Disponível em: <<https://agenciadecomunicacao.uneb.br/tag/siala/>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VERÍSSIMO, É. *O aviãozinho vermelho*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

